ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.13882

Em tempos de meme: (re)pensando a variação linguística na escola

In times of memes: (re)thinking linguistic variation in school

Francisca Alves de Medeiros Couto[1]
Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Abraão Vitoriano de Sousa (em memória)[2]
Faculdade São Francisco de Cajazeiras e Faculdade São Francisco da Paraíba

Francilda Alcantara Mendes[3]
Centro Universitário Leão Sampaio

Liana Bastos Bezerra[4]
Universidade Federal do Cariri

Como citar este trabalho:
COUTO, F. A. de M.; SOUSA, A. V. de; MENDES, F. A.; BEZERRA, L. B. Em tempos de meme: (re)pensando a variação linguística na escola. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 19-30, 2026.

RESUMO: O artigo analisa memes como ferramentas pedagógicas no ensino da variação linguística no Brasil. Discute o ensino do português sob essa perspectiva, usando memes como exemplos práticos. A metodologia incluiu análise de memes populares, relacionando-os às variações diatópicas, diastráticas, diacrônicas e diamésicas (Ilari, 2011). Os resultados mostram como representam variações regionais e sociais, auxiliando no combate a preconceitos. Conclui-se que os memes são estratégias eficazes para abordar a diversidade linguística, promovendo respeito e conscientização sobre diferentes formas de comunicação.
PALAVRAS-CHAVE: Memes. Variação Linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Educação. Sociolinguística.

ABSTRACT: This article investigates memes as pedagogical tools for teaching linguistic variation in Brazilian schools. Analyzing popular social media memes, it links them to diatopic, diastratic, diachronic, and diamestic variations (Ilari, 2011). Results show how memes represent regional and social language diversity, helping combat linguistic prejudice. The study concludes that memes are effective in teaching linguistic variation, promoting awareness and respect for different communication forms. By connecting theory to digital culture, they offer an innovative approach to Portuguese language education.
KEYWORDS: Memes. Linguistic Variation. Teaching of Portuguese Language. Education. Sociolinguistics.

[1] Mestre pelo Profletras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/2020). Coordenadora de Iniciação Científica da Secretaria Municipal de Educação de Jati/CE. Professora de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE). Email: edilaniajati@gmail.com.
[2] Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre pelo Profletras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) (2020). Professor do Sistema Municipal de Ensino de Cajazeiras - PB. Professor da Faculdade São Francisco de Cajazeiras (FSF) e da Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP).
[3] Doutora em Educação (UFC). Professora Efetiva do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA), Iguatu-CE., Professora do curso de Direito do Centro Universitário Leão Sampaio (UNILEÃO), Juazeiro do Norte-CE. Email: francilda@leaosampaio.edu.br.
[4] Mestre em Educação (UFCG). Servidora Técnica Administrativa em Educação da UFCA, Juazeiro do Norte-CE. Email: lianabastosb@gmail.com.

1. Introdução

O que é saber português? De um modo geral, a maioria das pessoas acredita que saber português significa ter uma larga compreensão das regras gramaticais, quando, na realidade, refere-se ao usuário da língua utilizá-la conforme os diferentes contextos sociais.

Sobre isso, Geraldi (2012) pensa a língua a partir das relações estabelecidas durante um jogo, no qual os sujeitos têm que conhecer e dominar as regras para que a competição aconteça. Quer dizer, o falante procura preencher os espaços do diálogo através das condições/situações concretas de interação.

Partindo desse pressuposto e ressaltando a escola como um lugar de vivência da variação linguística, o presente artigo objetiva apresentar uma breve discussão acerca do ensino de língua portuguesa na perspectiva da variação linguística. Para isso, buscou-se analisar alguns memes, embasando-se nas contribuições de Ilari (2011) a respeito das variações diatópicas, diastráticas, diacrônicas e diamésicas.

Reporta-se, inicialmente, uma seção sobre a variação linguística na escola, suas principais vicissitudes e enfoques. Em seguida, apresenta-se um tópico em relação aos novos gêneros característicos da esfera digital: os memes. E, por fim, alguns memes são analisados, considerando seu encadeamento com as diferentes variações linguísticas do português no Brasil.

2. A variedade linguística no contexto escolar

O estudo das variações linguísticas no Brasil é algo amplamente discutido em diversas pesquisas desenvolvidas tanto na área da linguística como da sociolinguística. Pesquisadores provocam pertinentes discussões perante a heterogeneidade característica da nossa língua materna e diante do desafio dos professores em abordá-la na escola a partir de uma educação inclusiva, contemplando as diversas variedades constitutivas que a língua portuguesa apresenta.

A língua não é em sua essência, como muito já foi pensado, algo imutável e homogêneo, pelo contrário, mesmo apresentando uma certa regularidade, todas as línguas vivas são efêmeras, transformam-se e adaptam-se a cada comunidade que a utiliza de acordo com a cultura, classe social e espaço geográfico em que o falante está inserido. E como bem lembra Possenti (2000, p. 38) “não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam”.

Num país de dimensões continentais como o Brasil, é de se esperar que haja uma profusa variedade nos dialetos da língua portuguesa e, a partir de tantas diferenças, é um desafio para professores de língua materna levar até a escola a ideia da pluralidade linguística, tentando desmistificar todo e qualquer tipo de preconceito que paira sobre os múltiplos usos da língua portuguesa.

Moramos em um país em desenvolvimento, onde muitos habitantes, por inúmeras razões, não tiveram acesso à escola. Assim, a linguagem culta é o modelo a ser seguido como forma de prestígio e ascensão social. Fato esse que ocasiona a discriminação de todas as variedades existentes distintas da linguagem conhecida como “padrão”. Bagno explicita esse posicionamento:

> [...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada. (Bagno, 2007, p.17)

Sabemos que cada criança já traz uma bagagem de conhecimentos internalizados desde os primeiros anos na escola, e esses conhecimentos não podem ser descartados, uma vez que neles já existe a elaboração estrutural da gramática da língua. De acordo com Bagno (2007, p.31), "o que ela não conhece são sutilezas, sofisticações e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar.".

O ensino de língua portuguesa, então, deve ser organizado com o intuito de garantir o domínio da linguagem e a plena participação social do educando. De acordo com os documentos oficiais que regem as normas educativas do país, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, existem variedades linguísticas em todas as línguas e elas ocorrem em diversos níveis, não podendo assim a escola recorrer a um ensino de normas fixas, visto que as diversas variações linguísticas constitutivas da língua portuguesa precisam ser respeitadas durante esse processo. Dessa forma, os PCN destacam que:

> No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permiti-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas (Brasil, 1998, p. 31).

Durante o processo de ensino é importante destacar a prioridade que a escola, muitas vezes, direciona a um conteúdo curricular voltado para o estudo exclusivo da língua "padrão", classificando os desvios dessa norma como "erros" de português. Sobre como esse tipo de atividade deve ser realizada, Bortoni-Ricardo (2004, p.42.) sugere dois componentes de correção: a *identificação da diferença* e a *conscientização da diferença*. Segundo a referida autora, alguns professores não conseguem identificar algum desvio normativo no contexto oral dos alunos. Quanto ao segundo componente, Bortoni-Ricardo afirma que "é preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo".

A autora destaca ainda a relevância da prática diária do professor direcionada a garantir o respeito e a conscientização diante das diferenças trazidas e vivenciadas pelos educandos na sua linguagem diária para, assim, possibilitar o aprendizado de forma responsável e significativa.

2.1 As variedades linguísticas do português brasileiro

No que se refere à inexistência uniforme da língua portuguesa, Ilari (2011) aborda alguns fenômenos de variações que nossa língua apresenta, entre eles: a *variação diacrônica*. Esse tipo de variação relaciona-se etimologicamente ao tempo. Segundo o autor, a percepção dessa variação acontece quando gerações são comparadas por meio de expressões e gírias que vão-se modificando ao longo do tempo. Um caso especial de variação diacrônica, é o conceito denominado *gramaticalização,* que o autor trouxe como exemplo: "Vossa Mercê/ você". São palavras de sentido pleno que assumem funções gramaticais e que, com o passar do tempo, vão-se modificando e assumindo novas classes

gramaticais. No caso deste exemplo, houve modificação desde o antigo pronome de tratamento até o atual e usual pronome pessoal.

Outro fenômeno que é considerado o contrário do citado anteriormente, é a *lexicalização*, que ocorre quando utilizamos uma palavra pertencente a uma determinada classe e que, por meio de alguns usos, passam a se encaixar semanticamente em outras classes gramaticais. Como por exemplo, as palavras "entretantos" e "finalmentes" que, dependendo do contexto de utilização, passam a não mais indicar conjunção e advérbio consequentemente, mas passam a representar valores de substantivos devido ao acréscimo do artigo e das desinências indicativas de plural. Esses exemplos atestam a dinamicidade da língua e a pluralidade de usos que ela oferta aos falantes.

Há também um tipo de variação trazida por Ilari (2011), denominada *Variação diatópica.* Esse tipo de variação consiste no fato de haver, diante da mesma língua, especificidades características do lugar no qual o falante está situado. No caso da língua portuguesa, pesquisadores buscam uma comparação entre línguas de antigas colônias, como o Brasil e alguns países da África, com a língua pioneira falada em Portugal. Tais pesquisadores concluem que é possível perceber diferenças consideráveis desde os domínios dos sons fonéticos até expressões completas que se apresentam semanticamente distintas.

No Brasil, uma rica variedade linguística é encontrada ao longo de todo o seu extenso território. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 30) "no Brasil, a variação regional se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras.". No entanto, essas variações não conseguem afetar os aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua. Ainda assim, há regiões bastante marginalizadas e vítimas de preconceito devido aos seus sotaques peculiares e bem característicos. Bortoni-Ricardo enfatiza essa realidade e tenta desmistificar esse pensamento na passagem:

> Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 33)

Há ainda outro tipo de variedade denominada *Variação diastrática* que, segundo Ilari (2011), refere-se às diferenças dialetais e ao nível de escolarização do falante. Cabe à escola aceitar esse tipo de variante do educando e ensinar a maneira formal das palavras que esse indivíduo já traz internalizadas, uma vez que o próprio Ilari (2011, p.177) destaca, quando diz "isso não significa que essas crianças devam ser poupadas do aprendizado da língua padrão, cujo valor é inegável; significa apenas que a criança que sempre falou *calipe* para chegar a escrever <eucalipto>, terá de aprender essa palavra como uma palavra nova".

Uma última variante elencada pela classificação de Ilari (2011) é a *variação diamésica*. A principal característica que envolve essa variação são as profundas diferenças que há entre a língua falada e a língua escrita, fato que acontece devido à supervalorização cultural da escrita e a menor importância dada à fala. Marchushi (2007) costuma explicar esse fenômeno pelo fato de a fala ser adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais usuais, enquanto a escrita, como uma manifestação formal de letramento, é adquirida no contexto formal da escola. Dessa

forma, “a escrita torna-se um bem cultural desejável de prestígio” (Marchushi, 2007, p. 18).

É importante salientar que todo ensino de língua acontece em meio a diversidades e diferenças, destarte, é precípuo que o professor apresente toda uma bagagem teórica diante dos tipos de variantes do nosso país para que um ensino de qualidade seja efetivado, e que todo preconceito diante de variedades seja apagado, ou pelo menos, que algum dia seja minimizado.

3. Novas tecnologias, novos gêneros, novas práticas

Novos desafios surgem constantemente para o ensino de línguas. Novos modelos discursivos entram em cena devido à inserção e uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Os processos comunicativos são permeados de diferentes gêneros textuais estruturados em diversas modalidades. Diante das novas formas de organizar, compor e expor o texto, seu conceito se amplia. O que antes era organizado de forma linear, inflexível, hierárquica, hoje toma nova forma, de forma que os elementos escritos, sonoros e imagéticos podem ser organizados em novos suportes e de diferentes maneiras. Sobre isso, Coscarelli (2016, p. 149) considera que,

> Com esses novos textos escritos, é preciso repensar o sentido da palavra ‘texto’, não como um novo conceito, mas como uma ampliação desse conceito para outras instâncias comunicativas, trazendo para ela uma concepção um pouco diferente daquela que tínhamos em mente e nas teorias da Linguística. É preciso entrar na semiótica e aceitar a música, o movimento e a imagem como parte dele.

Diante disso, o desafio para o professor de língua portuguesa é desenvolver práticas pedagógicas condizentes com as transformações sociais e culturais, a fim de que o estudante tenha acesso às diversas práticas letradas. Nesse sentido, e de acordo com a BNCC (2017), o ensino de língua portuguesa deve contemplar “a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia.” (Brasil, 2017, p. 68)

As práticas de linguagem atreladas à cultura digital apontam para os multiletramentos, entendidos como práticas letradas multiculturais (relacionada à diversidade cultural de produção e circulação dos textos) e multimodais (multiplicidade semiótica, relacionada às diversas linguagens que constituem os textos). E que se apresentam melhor no formato de redes (hipertextos e hipermídias), por serem interativos, colaborativos, híbridos, fronteiriços, mestiços e por romperem as relações de poder, principalmente as de propriedade (Rojo, 2017).

Sendo assim, o texto multimodal não se restringe aos textos no formato de redes. Toda composição transforma um texto em uma unidade multimodal. Porém, a multimodalidade se apresenta melhor no formato de redes por apresentarem diversas características inerentes aos processos comunicativos contemporâneos. Nesse sentido, Rojo (2012, p.1) afirma que “já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam.” Também Barton e Lee (2015) afirmam que qualquer pessoa pode produzir textos multimodais na tela do computador por ser relativamente fácil. No ambiente digital, é possível misturar som, linguagem e vídeos, controlar cores, *layout* e fonte.

Nesse contexto, a escola não pode se isentar da responsabilidade de oferecer condições para que os aprendizes possam desenvolver tais práticas. Ribeiro (2015) afirma que é função da escola refletir sobre a escrita e alargar o poder semiótico dos estudantes. Trata-se do "poder que temos de lidar com signos, produzir sentido, manejar linguagens, mais que apenas palavras, inclusive, tanto para ler quanto para escrever" (Ribeiro, 2015, p. 114). Frente a essa profusão de linguagens e das múltiplas semioses e culturas que constituem os textos é necessário formar leitores e escritores cada vez mais capazes de interagir, atribuir sentidos e significar.

No que concerne aos aspectos culturais, na perspectiva dos multiletramentos, o que há é uma "multiplicidade de culturas", pois, conforme Rojo (2012), as produções culturais letradas que circulam socialmente se configuram em "um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos "popular/ de massa/ erudito"), caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes "coleções" (Rojo, 2012, p.13).

A partir disso, compreendemos que não há mais razão para um ensino que privilegia o erudito em detrimento do popular. Consideramos que os variados gêneros, nas suas diversas formas de representação social, devem ser inseridos nas aulas de língua portuguesa buscando refletir sobre os aspectos relativos à variação linguística. Barton e Lee (2015, p. 34) consideram que, "com as novas formas de participação e diálogo, as pessoas podem ser mais reflexivas, mais conscientes da linguagem e mais tolerantes com as variedades linguísticas".

Assim, a multiplicidade de culturas existentes na sociedade atual aponta para a necessidade de se oferecer uma educação que respeite as diferenças socioculturais, como indica Rojo (2009, p. 120):

> Essa triangulação que a escola pode fazer, enquanto agência de letramento patrimonial e cosmopolita, entre as culturas locais, global e valorizada é particularmente importante – em especial no Brasil – quando reconhecemos a relevância de formar um aluno ético e democrático, crítico e isento de preconceitos e disposto a ser "multicultural em sua cultura" e a lidar com as diferenças socioculturais).

Nesse universo de possibilidades relacionadas aos textos que circulam no ambiente digital, o meme é um dos gêneros contemporâneos mais facilmente e recorrentemente veiculado em aplicativos como Whatsapp e Facebook por seu conteúdo humorístico (Cerqueira, 2015). Para compreendermos mais sobre esse gênero, discutiremos a origem da palavra meme, o conceito, características e alguns aspectos relacionados à presença de variações linguísticas em grande parte dos memes.

4. Os memes como espaço de variação linguística

4.1 Compreendendo os memes

A primeira conceituação sobre memes foi proposta pelo zoólogo Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta*, publicado em 1976, no qual propõe entender, dentro da teoria da evolução, que a seleção natural é uma competição entre os genes e, por sua vez, o gene é chamado de "replicador".

A partir dessa concepção, a palavra meme é vista como uma unidade de transmissão cultural entre os indivíduos. Essa ideia parte originalmente da palavra *Mimeme* que quer dizer imitação, mas também tem relação de sonoridade com a palavra gene. A partir do pensamento de Dawkins (2007), o meme pode ser considerado como

uma unidade que se replica e tem como objetivo a sobrevivência, analogicamente ao gene. Assim, esse autor considera que a cultura é um processo evolutivo e que as características dos memes poderiam ser comparadas ao processo natural de replicação que acontece com o gene:

> O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como "gene". Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para meme. Se isso servir de consolo, podemos pensar, alternativamente, que a palavra "meme" guarda relação com "memória", ou com a palavra francesa *mêm*e. Devemos pronunciá-la de forma a rimar com "creme". (Dawkins, 2007, p. 330)

Posteriormente, Susan Blackmore apresentou um conceito mais amplo, em seu livro *The Meme Machine*, ao considerar o meme como "uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura" (Blackmore, 2000, p. 65). A partir disso, compreendemos que meme é aquilo de se aprende por imitação de forma consciente ou não.

No entanto, no ciberespaço, não existe um conceito bem definido para explicar a palavra meme. Para Souza (2001) as ideias propagadas pelos memes não têm origem em outros memes, mas em outras mídias. Assim, "[...]os "memes" têm a ver principalmente com comentários, postagens de fotos, vídeos, paródias que são comumente relacionados a notícias do cotidiano provenientes em grande parte de outros canais midiáticos, sendo estes a televisão, os jornais impressos e o rádio" (Souza, 2001, p. 131).

Na *internet*, os memes são elaborados a partir de elementos textuais que transmitem algum conhecimento sobre situações ou assuntos específicos, geralmente em tom de humor e que se espalham muito rapidamente e vão ganhando novas versões. Fontanella (2009), em seus estudos sobre os memes no ciberespaço, onde enfatiza o contexto cultural e social em que se inserem, os conceitua como "ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral, e caracterizados pela repetição de um modelo formal básico a partir da qual as pessoas podem produzir diferentes versões da mesma meme" (p. 9).

Este mesmo autor refere-se, metaforicamente, ao ambiente de circulação dos memes como *memesfera.* Trata-se de uma proposta que tem como objetivo contemplar as conexões dos memes a partir de uma concepção culturalista, aproveitando, desse modo, a noção de ambiente integrado para refletir sobre os memes numa abordagem contextual. Assim, entende que é possível realizar, segundo Fontanella (2009, p. 12),

> [...] o estudo dos memes dentro de sua relação complexa com fatores tecnológicos, sociais, econômicos e políticos, evitando tanto o determinismo tecnológico e ao mesmo tempo que considerando os impactos culturais da tecnologia. Além disso, o conceito permite pensar em pessoas "ativas na *memesfera*", ou seja, essa metáfora de ambiente facilita também problematizar a agência. Em síntese, trata-se de um conceito que abre caminho para uma abordagem contextual dos memes. (Fontanella, 2009, p. 12)

A pesquisa realizada por Fontanella (2009), tomando por base a existência da memesfera, pode permitir o conhecimento das diferentes variáveis que influenciam no sucesso ou não da replicação de um determinado meme, mas também contribui para a percepção das relações existentes entre os memes e os fatores culturais, sociais, entre outros. Essa noção inicial é importante para a compreensão dos memes na perspectiva do

estudo das variações linguísticas, pois, a partir de um território específico dentro da *memesfera*, como as redes sociais, por exemplo, pode servir de objeto de análise para diferentes estudos.

De acordo com Araújo (2013), esse gênero digital começou a ganhar espaço no início do ano 2000 e foi se popularizando entre os internautas, que passaram a utilizá-lo para se referir a tudo que é espalhado na rede, correspondendo geralmente às criações dos próprios usuários, que mesclam uma situação que obteve destaque nas mídias e de certa forma tornou-se memorável, com diversas frases cotidianas, que juntas se complementam e acabam tendo um significado, comumente satírico ou humorístico.

Diante da dinamicidade característica da língua portuguesa e adequação à necessidade do indivíduo de se comunicar nas mais diversas situações que surgem no meio social, os memes podem representar um instrumento que contempla essa demanda/necessidade de extrapolar o contexto meramente metalinguístico da linguagem, uma vez que atende, entre outros fatores, à construção de sentidos a partir da noção dialógica com que se relaciona no meio social/digital em uso.

As variações linguísticas estão presentes na grande maioria dos memes que se espalham na rede, visto a heterogeneidade da língua portuguesa. Como bem ressalta Bagno (2007, p. 16), quando afirma que "embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade". Assim, os memes carregam as riquezas, heranças culturais que representam o povo brasileiro, sendo também uma forma de pensamento, uma forma de compreensão do mundo, que se apresenta de maneira lúdica e divertida.

4.2 Analisando memes disponíveis nas redes sociais

Ancorando-se nas explanações do subtópico anterior, faremos uma análise de alguns memes que circulam livremente pela *internet* e são considerados populares entre os internautas:

Figura 1: Hábitos comuns no interior



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/suricate>. Acesso em: 09/12/2024

Figura 2: Placas de trânsito



Fonte: Disponível em: < https://www.google.com/search?q=meme+placas+transito>. Acesso em: 09/12/2024

Na primeira imagem, temos o *Suricate Seboso,* uma representação da cultura nordestina, em que podemos identificar, de forma emblemática, representações metafóricas dos costumes, hábitos e linguagem (coloquial) tipicamente características do nordeste brasileiro. As imagens e os textos escritos carregados de humor se completam para a produção de sentido dos discursos proferidos. Essa combinação se dá por imagens de personagens (um suricato ou suricata – animal da África) em várias facetas, com expressões típicas que experimentam e vivenciam situações do cotidiano regional nordestino, caracterizadas pelo falar dos sujeitos do meio onde estão inseridos – ressaltando assim, uma variação linguística denominada por Ilari (2011) como *diatópica*.

As expressões utilizadas no meme representam um hábito comum no interior do nordeste – a mãe verificar os cabelos das crianças para conferir se existem lêndeas e piolhos. Situação essa que possivelmente não é compreendida em outras regiões do país. O que mais causa efeitos cômicos, além das imagens, é a forma com que a linguagem é abordada. Isso fica evidente no diálogo entre mãe e filho: "- MininU réi seboso a cabeça chêa de leindia e piôi passa pra cá peste!!/ - Armaria mãe, minha cabeça nãm".

Podemos notar que a linguagem é construída sob a forma coloquial, reproduzida fielmente com os traços de oralidade característicos dos sertanejos menos escolarizados, algo que faz referência a um tipo de variação linguística trazida por Ilari (2011), a variação *diastrática*. Nesse tipo de variação é comum notarmos ainda o forte preconceito arraigado pelo uso das variantes não-padrão da língua, devido ao fato delas serem utilizadas pelas classes mais baixas e menos escolarizadas. O humor é o principal elemento para provocar o efeito de sentido do meme exposto, e, como podemos perceber, a forma dos personagens se expressarem é um fator preponderante para a construção de sentido de uma forma mais completa no texto, uma vez que, se a linguagem estivesse escrita de outra maneira, o efeito de sentido não seria o mesmo.

Na figura 2, temos um exemplo de duas placas de trânsito. A primeira apresenta o uso da palavra "pare" de acordo com o português padrão, já a segunda, aparece uma variante não-padrão "péra". Podemos concluir que esse exemplo representa também um tipo de variação *diatópica* por fazer referência às diferenças regionais encontradas na linguagem de falantes de São Paulo e Minas Gerais. Contudo, também é bastante perceptível o preconceito existente diante do dialeto dos mineiros, como se houvesse um rótulo, em que todos os habitantes de Minas Gerais se expressassem sempre de maneira coloquial. Vejamos mais um exemplo de meme que circula pela *internet*, nas redes sociais.

Figura 3: Açúcar refinado



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=meme+acucar+refinado>. Acesso em: 01/12/2024

Podemos observar nesse meme, que a construção de sentido também se dá principalmente pela linguagem expressa do diálogo. O efeito de humor é desencadeado pelo diálogo existente entre os três personagens: a mãe, a filha e o açúcar. Vejamos o diálogo: Filha: - Oh, mãe, o açúcar que a senhora comprou ta muito estranho./ Mãe: - Ah, comprei açúcar refinado./ Açúcar: - Sinto-me deveras lisonjeado em adoçar o café da vossa senhoria.

Por meio da leitura dos diálogos, notamos o quanto a "fala do açúcar" se diferencia das demais do jogo enunciativo. Remonta-se a um dialeto bastante arcaico da língua portuguesa em que a maneira de se expressar acontecia pelo uso de outras palavras, outras expressões e de maneira mais formal. Podemos, portanto, enquadrá-la no tipo de variação linguística elencada por Ilari (2011) como variação *diacrônica*, "aquela que se dá através do tempo".

A assimetria da linguagem destacada no diálogo do meme também reporta a um outro tipo de variedade linguística, denominada variedade *diamésica, "*a qual está associada ao uso de diferentes meios ou veículos" (Ilari, 2011, p. 180), ou seja, compreende as diferenças existentes entre a língua falada e a língua escrita.

Nesse exemplo, o efeito de humor é construído principalmente pela "diferença" que há entre as duas primeiras falas – que se apresentam de maneira mais voltada para a variedade cotidiana, aquela que é refletida na linguagem oral, e a última fala que se enquadra mais historicamente, na linguagem mais culta, característica da modalidade escrita. Referido tema é bastante discutido e desmistificado por Marcuschi (2007).

Segundo Marcuschi (2007, p. 32), "fala e escrita dizem respeito a questões de uso da língua." E para esclarecer a ideia padronizada de que a variedade padrão seria sempre a escrita e variedade não-padrão seria sempre a fala, o autor aponta que "a variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita com a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como equivalente à língua padrão, como fazem os autores situados na perspectiva da dicotomia estrita" (Marcuschi, 2007, p. 32).

Trazendo a discussão para o contexto do ensino de língua materna, Bortoni-Ricardo (2004) salienta a importância de o professor utilizar exemplos de variedade linguística, assim como esses, para conscientizar os educandos sobre as diferenças existentes na língua, sem necessariamente, precisar corrigir o aluno usando a incidência do erro para humilhá-lo. Bagno também reforça esse pensamento numa tentativa de buscar incluir todas as variedades da língua num mesmo nível de importância, ressaltando a valorização e o respeito que é preciso ter pela variedade linguística de toda e qualquer

pessoa, “pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano” (Bagno, 2007, p.115).

5. Considerações finais

O trabalho com a variação linguística nas aulas de língua portuguesa ainda é desafiador para muitos professores. No decorrer das reflexões verificamos que o uso de memes pode representar uma estratégia relevante para o estudo da variação linguística em sala de aula, por se tratar de um gênero recorrente em ambientes virtuais acessados pela grande maioria dos jovens e também por trazer temas do cotidiano, muitas vezes com tom humorístico.

Embasados nos estudos de Ilari (2011) sobre variações diatópicas, diastráticas, diacrônicas e diamésicas, foi possível verificar a possibilidade de se trabalhar a variação linguística a partir da utilização de memes que circulam atualmente em redes sociais. O material coletado permite, como preceitua Bortoni-Ricardo (2004), a *identificação da diferença* e a *conscientização da diferença*, pois os memes analisados apresentam características como: diferenças entre a língua falada e a língua escrita, possibilidade de verificar o preconceito existente diante de alguns dialetos, entre outras.

Concluímos que o uso de memes pode se constituir numa estratégia pedagógica importante para o tratamento da variação linguística nas aulas de língua portuguesa, num trabalho voltado para a valorização e o respeito à heterogeneidade da língua.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. **Rage Faces**: memes e linguagem gráfica. 2013. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/triades/article/view/42698. Acesso em: 12 jun. 2019.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**: língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1998.

COSCARELLI, C. V. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FONTANELLA, F. I. O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 3., 2009, São Paulo. **Anais […].** São Paulo: ESPM/SP, 2009.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012. p. 39-45.

ILARI, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PAIVA, F. A. Leitura de imagens em infográficos. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 43-59.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia e poder semiótico: escrever hoje. **Revista Texto Livre**: Linguagem e Tecnologia, v. 8, n. 1, 2015, p. 112-123.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editoral, 2009.

ROJO, R. H. R. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. Textos Multimodais. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (Org.). **Glossário Ceale**. 2017. Disponível em: http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais. Acesso em: 12 jun. 2019.
RIBEIRO, A. E. Tecnologia e poder semiótico: escrever hoje**. Revista Texto Livre**: Linguagem e Tecnologia.v.8, n.1, 2015, p. 112-123.
PAIVA, F. A. Leitura de imagens em infográficos. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 43-59.
RIBEIRO, A. E. Tecnologia e poder semiótico: escrever hoje. **Revista Texto Livre**: Linguagem e Tecnologia, v. 8, n. 1, 2015, p. 112-123.